

# APRESENTAÇÃO

No início havia um jardim e, nele, o privilégio de habitá-lo e de cuidá-lo. Um jardim que exigiria a responsabilidade de um para com o outro, mas também dos seres humanos para com a criação de Deus. O ser humano colocado no jardim se torna o primeiro dos jardineiros. Deus cria e concede o privilégio do cuidado da sua criação ao ser humano. Nesse sentido, mais do que jardineiro, o ser humano se percebe como mordomo da criação.

A imagem do jardim, portanto, traz à memória responsabilidade. A partir do jardim, da integridade da criação, somos chamados a exercer um cuidado responsável ou vivenciar uma espiritualidade concreta. Dessa forma, a espiritualidade que nasce no jardim não pode ser pensada como algo que nega a materialidade. Trata-se de uma espiritualidade ecológica, a qual assume uma relação de responsabilidade com nossos irmãos menores. Uma espiritualidade ecológica leva à construção de uma catequese responsável.

Todavia, o tempo em que vivemos nos desafia com uma grande e perigosa tentação: a possibilidade

de viver uma “espiritualidade de produção”, ou seja, queremos e buscamos um Deus que funcione! Certamente, deveríamos rever muitos dos nossos conceitos, e para ajudar nesse processo de bem refletir, Santo Agostinho é de uma ajuda inestimável, quando questiona: “O que buscamos quando buscamos a Deus?”.

Para muitos, a espiritualidade pode estar sofrendo de uma extrema parcialidade. Apresenta-se, portanto, como uma patologia redutora e que impede de perceber a plenitude da verdadeira espiritualidade, centrada na vida de Jesus. Mas como é difícil a imitação de Cristo, seu seguimento e, muito mais, nos conformar com o Cristo na estrada do discipulado! Não haveria um Evangelho mais fácil e com menos exigência?

Mais vale, para alguns, viver perdidos em simulacros de vida cristã e, assim, transformar a espiritualidade em uma teologia positiva, feito Ali Babá, que ao se expressar de forma correta fazia com que a montanha se abrisse diante de seus olhos. Na verdade, não queremos Deus, mas sim uma corporação religiosa que nos ensine os segredos da vida e nos conduza ao aburguesamento da fé. Preferimos um Deus domesticado e engaiolado que esteja sempre à nossa disposição.

Não queremos Jesus com suas exigências de discipulado. Desejamos de todo o coração uma religião absolutamente pragmática e de respostas imediatas. Não queremos estudar a Bíblia e, por isso, fugimos de qualquer reflexão crítica que nos leve a qualquer tipo de compromisso que implique perda

de lucros materiais. Queremos homilias bem preparadas, desde que elas afaguem nosso ego e nos lembrem, constantemente, das muitas promessas que precisamos “reivindicar” e que evitem, acima de tudo, chamar nossa atenção para uma transformação interior. Não queremos discipulado. Buscamos, sim, uma graça barata!

Os desafios apresentados pela atual crise socioambiental são amplos e complexos. Nesse sentido, é urgente uma nova visão das atitudes ecológicas do ser humano, levando-o a desenvolver formas de cuidado e proteção das relações de vida. É necessário resgatar a realidade da integridade e interdependência entre todos os seres vivos. Nessa dimensão, o ser humano ressignifica o seu existir e religa-se à sua missão de servo e mantenedor da vida, “cultivando” e “guardando” a criação – compreendida na sua plenitude. É preciso compreender a dimensão do cuidado e proteção como princípio da própria fé cristã, dinamizada por meio da espiritualidade ecológica e de uma catequese socialmente responsável.

Catequese responsável e espiritualidade ecológica deveriam ser compreendidas como irmãs gêmeas.



**CAPÍTULO 1**  
**A INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO**

O termo *integridade* pode ser definido como algo inteiro, completo; caráter daquilo a que não falta nenhuma das suas partes. A relação do ser humano com o cosmos deve ser construída a partir desse princípio de integridade, capaz de compreender a vida interligada, em que o ser humano e a criação não são partes desconexas, mas um “todo” complexo e harmônico. Segundo Dias, “a noção de integridade, isto é, o universo ajustado na sua totalidade, implica uma forte interdependência para que sejam possíveis a harmonia e a plenitude entre todos os seres, para que haja um equilíbrio de forças” (DIAS, 2012, p. 26). Assim, todos os elementos e dimensões que compreendem a criação – cosmos, elementos físico-químicos, plantas, animais e seres humanos – encontram-se intimamente integrados e, por isso, necessitam ser concebidos dentro de uma inter-relação que os une.

Compreender o universo a partir do princípio da integridade não é uma novidade produzida pela sociedade atual. Tal concepção pode ser encontrada nas culturas originárias da América, da África e da Ásia. Todas elas buscam entender a vida a partir de dentro das suas diversas relações, compreendendo a natureza como uma grande família, por meio de um espírito integrador, que une todos numa única “teia da vida”, concedendo, a todas as criaturas, a dimensão de irmandade. A esse respeito, a carta do cacique Seattle para o governo dos Estados Unidos relata:

Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumosas são nossas irmãs; os gamos, os cavalos, a majestosa água, todos são nossos irmãos. Os picos rochosos, a fragrância dos bosques, a energia vital do pônei, o homem, tudo pertence a uma só família (FÁVERO, 1981, p. 174).

A concepção de integridade da criação, reconhecida e valorizada pelos povos originários, também é encontrada na tradição cristã ao ser resgatada por São Francisco de Assis (séc. XII), que atribuía aos elementos da natureza a categoria de irmãos e irmãs, tornando toda a criação uma única família concebida por Deus, como se apresenta no *Cântico à irmã mãe Terra*:

Irmã Mãe Terra, quero dormir em tuas entranhas. Mas antes de adormecer, escuta as batidas agradecidas de meu coração. [...] Obrigado, Irmã Terra, por teus ventos e brisas. Eles nos refrescam, no verão, esparramam, em suas asas, as sementes de vida e movem as pás dos moinhos. Obrigado, Irmã Terra, pelas hortaliças, os trigais, os pomares, as fontes de água fresca, pelas árvores onde os pássaros fazem os ninhos. Obrigado, Irmã Terra, pelo berço que emprestas para dormirmos o sono eterno (LARRAÑAGA, 1980, p. 391).

Nessa mesma linha, a “Carta da Terra”<sup>1</sup> reforça que, “para seguir adiante, devemos reconhecer

---

<sup>1</sup> Declaração de princípios fundamentais para a construção de uma sociedade sustentável, justa e pacífica. Foi lançada no ano 2000, fruto de discussões mundiais sobre a regulação das relações entre o meio ambiente e o desenvolvimento econômico. Cf. BOFF, Leonardo. *A opção Terra: a solução para a Terra não cai do céu*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 184-190.

que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum” (CARTA DA TERRA, 2000). Assim, o ser humano encontra-se integrado a todos os elementos naturais desde a sua origem.

## **A integridade da criação em Gênesis 2,15**

Ao analisarmos o relato da criação, contido no texto de Gênesis 2,4b-25, percebemos que o ser humano dispõe de uma responsabilidade e de uma missão diante da criação, instituídas pelo próprio Criador. A missão de “cultivar e guardar o jardim” só pode ser exercida mediante a relação entre o ser humano recém-plasmado e o “jardim” criado. Assim, encontramos, no v. 15a, a dimensão integradora entre o ser humano e o jardim, constituída por Deus: “Javé Deus colocou o homem no jardim de Éden” (Gn 2,15a).

Lemos no texto bíblico que o ser humano é modelado a partir do pó do solo (*ʿadamah*), mesmo antes da formação dos demais elementos pertencentes à criação (v. 7). Quando o ser humano se torna um ser vivente, imediatamente Javé Deus planta um jardim no Éden, com o intuito de ali colocar o ser humano que havia modelado (v. 8). Após o detalhado relato da constituição desse jardim e depois de estabelecidos os primeiros elementos para sobrevivência do ser humano – águas (v. 10), árvores agradáveis e boas para comer (v. 9) –, segue o relato do v. 15, no qual Javé Deus colocou o ser humano no jardim e o apresentou à sua missão como fruto dessa integração.

Notamos, assim, a intrínseca relação existente entre o ser humano e o “jardim” (com as demais criaturas). O homem é pensado na perspectiva do jardim – “e não havia ser humano que cultivasse o solo” (v. 5b) –, e o “jardim” é pensado na perspectiva do ser humano – “plantou um jardim e aí colocou o homem” (v. 8). Enfim, a criação de um acontece em perspectiva do outro; ambos se integram mutuamente. O ser humano introduzido no “jardim” passa a integrar, participando delas, suas relações e a ser responsável por elas – “cultivar e guardar”. Mesmo que no relato bíblico o ser humano e o jardim sejam concebidos em momentos distintos, desde o início permanece a expectativa da criação do outro e do momento da união entre eles, da coexistência relacional e integradora que plenifica a existência de ambos: ser humano para o jardim e jardim para o ser humano.

Assim, não podemos compreender a criação do ser humano separada das demais criaturas – mesmo que isso tenha ocorrido em tempo/espaço distintos. A humanidade é concebida junto com as demais criaturas, integrada e não separada, superior ou fora da criação. Aquela compartilha a mesma origem e os mesmos elementos originários com esta, como percebemos no v. 19 referindo-se à modelagem dos animais a partir do pó do solo (*'adamah*), tal como a origem do próprio ser humano, que também é modelado a partir do *'adamah* (v. 7). O relato bíblico refuta, portanto, uma visão antropocêntrica em que as criaturas existem para a satisfação da humanidade, ou seja, numa visão linear em que tudo foi criado

para o usufruto do ser humano, sendo este o senhor de toda a criação.

A relação de integridade entre o ser humano e o "jardim" é o que mantém a vida criada. Nessa relação, o "jardim" mantém o ser humano, provendo-lhe alimento, comunidade, relação com Deus; e o ser humano mantém o "jardim" ao cultivá-lo e guardá-lo. Estão integrados, relacionam-se mutuamente e reciprocamente se mantêm. O humano criado pressupõe o "jardim" imediatamente estabelecido, e o "jardim" pressupõe a existência do humano. A relação é existencial, é pressuposto de vida. O ato original é de Deus, Ele cria o ser vivo humano e cria o ser vivo "jardim", porém a manutenção da vida se dá na integridade da relação entre ambos, na diaconia entre a criação – entre homem e "jardim".

A diaconia se manifesta como um serviço do cuidado realizado pelo homem em prol do "jardim", mas há também um servir cuidadoso do "jardim" para com o *adam*, que lhe permite existir. Portanto, é nessa relação que o ser humano mantém-se como um ser vivente, e não apenas como *'adamah*. O que conecta o homem ao "jardim" não é o pó do solo, ou seja, apenas os elementos químicos que compartilham, mas a dimensão consciente de sua existência, a missão de "cuidar" e "guardar" as relações de vida. E, nessa íntima integridade, o bem do "jardim" é o bem do ser humano, ao mesmo tempo em que o mal de um é o mal do outro.

O ser humano plasmado fora do jardim é introduzido por Deus como completude da criação. É somente após a integração de ambos que o relato

prossegue, passando-se para o momento da criação dos animais e da criação da mulher, ou seja, a plenificação da criação pressupõe a existência relacional e integrada entre o ser humano e o "jardim". Somente assim a criação pode ser completada – a dimensão comunitária (animais, mulher) é pensada após o estabelecimento da relação integrante homem/jardim. A comunidade de "companheiros"/ "semelhantes" (v. 18) pressupõe a dimensão unitária e coexistencial entre o homem e o "jardim".

Nesse sentido, a humanidade participa da mesma realidade criacional, forma um *continuum* com todos os elementos, com o universo; participa e compartilha a mesma natureza que todo o "jardim", sendo igualmente criaturas; integradas entre si, correlacionam-se e coexistem, salvaguardando-se mutuamente.

## **A integridade da criação na atual cosmologia**

A visão de uma criação integrada é parte da construção da nova cosmologia, uma cosmovisão ecológica, que sintetiza a compreensão de "um universo muito velho, incompreensivelmente grande, profundamente dinâmico e envolvente, interligado de forma complexa" (DIAS, 2012, p. 28). Boff define cosmologia como "a imagem do mundo que uma sociedade se faz, fruto da *ars combinatoria* dos mais variados saberes, tradições e intuições. Essa imagem serve de re-ligação geral e confere a harmonia necessária à sociedade" (BOFF, 2015, p. 79).

Na cosmologia atual, fruto das novas descobertas das ciências física (principalmente a quântica), biológica (principalmente a genética e a ecológica),

cósmica e das reflexões filosóficas, compreende-se que o universo e todos os seus elementos são frutos de um longo processo de cosmogênese, no qual “todos os fatores que entram na constituição de cada ecossistema com seus seres e organismos possuem sua latência, sua ancestralidade e, em seguida, sua emergência” (BOFF, 2015, p. 53). Dias aponta que “a ciência, embora não tenha encontrado uma teoria irrefutável da origem do universo, mostra-nos a inter-relação, a interdependência, a ligação dos organismos vivos ao seu meio ambiente” (DIAS, 2012, p. 31).

Nessa concepção, o ser humano também é resultado desse processo originário – a cosmogênese –, assim como todos os demais seres. O ser humano encontra-se, irrefutavelmente, numa solidariedade de origem e também de destino com todos os seres do universo, apresentando-se integrado a estes. Por essa razão, o ser humano não pode “ser visto fora do princípio cosmogênico [...], como um ser errático, enviado à Terra por alguma divindade. Todos são enviados pela Divindade, não apenas o ser humano” (BOFF, 2015, p. 54).

Assim, o ser humano é compreendido como parte integrante da criação e fruto do mesmo processo originário, superando a concepção antropocêntrica que vê a humanidade de forma superior aos demais elementos da criação, os quais teriam sido criados para seu usufruto, acreditando que o ser humano é “a coroa do processo evolutivo e o centro do universo” (BOFF, 2015, p. 26). O universo inteiro foi cúmplice na produção do ser humano. Não somente

dele, mas também dos outros seres (cf. BOFF, 2015, p. 55). Ou seja, todos os fatores históricos da constituição do cosmos intencionaram a emergência da vida, como um todo, inclusive do ser humano. Portanto, o universo e o ser humano se pertencem mutuamente, interagem e integram-se, atendem a uma “perfeita circularidade: o universo é direcionado para o ser humano como o ser humano é voltado para o universo de onde proveio” (BOFF, 2015, p. 55). Nessa mesma linha, o Papa Francisco ressalta que

nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas podem ser considerados separadamente. Assim como os vários componentes do planeta – físico, químico e biológico – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender (LS 138).

Dessa forma, Boff (2015, p. 51) enfatiza que a mais fascinante descoberta do século XX foi a profunda unidade e harmonia do universo, e esclarece que “essa visão sustenta que o universo é constituído por uma imensa teia de relações, de tal forma que cada um vive pelo outro, para o outro e com o outro; que o ser humano é um nó de relações voltado para todas as direções” (BOFF, 2015, p. 52).

Assim, tanto as culturas originárias quanto o segundo relato da criação em Gênesis e a atual cosmologia convergem ao conceber o ser humano como parte integrante da criação. Todos os elementos criados compartilham sua existência e se relacio-

nam, a fim de se autorretromanterem, pois não são partes isoladas, mas sim uma perfeita interação de vidas que se salvaguardam mutuamente. Nesse sentido, o princípio de integridade da criação é aquilo que mantém o dinâmico equilíbrio da vida. Ao se negar essa notável integridade, corre-se o risco de se recair no mal da crise socioambiental, que hoje se abate sobre toda a criação.

### **O ser humano e seu papel na criação: cultivador e guardião**

De acordo com o texto de Gênesis 2,4b-25, o ser humano foi criado em uma relação de integração e de integridade com as demais criaturas. Como fruto dessa integração, o humano deveria exercer sua missão perante a criação, ou seja, cultivá-la e guardá-la. Percebemos que, quando a dimensão da integração, por meio da integridade, é negligenciada, também a missão do ser humano é corrompida. Na concepção dicotômica, o ser humano coloca-se fora da criação e em posição de superioridade a esta, fazendo com que o modo como se relaciona com o cosmos deixe de ser o de um *cultivador* e *guardião*, passando a ser o de *senhor* e *dominador*. E as consequências desse tipo de relação são visíveis nas diversas expressões da atual crise socioambiental.

Para muitas pessoas, o modo de compreender e de se relacionar com a criação tem como princípio o antropocentrismo. No entanto, hoje é necessário e urgente o retorno a formas de relações mais inclusivas e integradoras. Assim, todo o conhecimento científico sobre as relações naturais, as técnicas e

instrumentos desenvolvidos devem ser submetidos a uma nova ética, uma nova forma de desenvolvê-los e utilizá-los, a qual priorize o cuidado da criação, e não sua submissão em favor da sedenta busca de poder, promovida pela humanidade.

O ser humano é chamado, portanto, a uma reconciliação consigo mesmo, com a criação e com sua missão. E, a partir disso, deve buscar novas formas de organização política, econômica e social, ou seja, reestruturar a sociedade a partir do princípio da integridade que leva à relação de cultivo e guarda de todas as formas de vida. São Francisco de Assis expressa que "o homem deveria usar sua superioridade intelectual para cuidar, proteger e ajudar os viventes a viverem" (*apud* LARRAÑAGA, 1980, p. 376). O ser humano não tem o poder de criar a vida, mas cabe a ele a responsabilidade de permitir que o que é criado permaneça existindo, guardando a vida criada e permitindo que ela se perpetue. Nesse propósito, o ser humano cultiva e guarda sua própria existência. Assim, podemos compreender a dimensão do "cultivo" como algo que leva o ser humano a ser um "promotor" da vida, que em todas as suas relações promove formas de vida, e não de destruição. E, por sua vez, a concepção de "guardião" possui a missão de "cuidar" e garantir que todas as formas de vida perpetuem ao longo do tempo e sigam seu próprio curso histórico. Desse modo, o ser humano não cultiva e guarda apenas um objeto ou uma parte do meio ambiente, mas, na visão de integração e de integridade, ele cultiva e guarda todos os elementos e todas as relações que se interconectam e

estão presentes no cosmos, bem como aquelas que são promotoras de vida.

O princípio de cultivar e guardar as relações de integração e de integridade, harmonia e interdependência de toda a criação é algo a ser construído no coração humano. Por isso, em sua Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco enfatiza a necessidade de uma conversão ecológica, ou seja, a busca de um novo modo de ser, de relacionar-se e compreender-se perante toda a criação. Essa conversão demanda várias atitudes, tais como a gratidão e a gratuidade, reconhecendo a criação como “dom recebido do amor do Pai [...], [além] da consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal” (LS 220). É preciso sair do individualismo e do antropocentrismo, que colocam o ser humano no centro de tudo, e caminhar para o encontro da relação de integridade que ressignifica a existência humana a partir de um “ser com o outro”.

A humanidade necessita reencontrar a dimensão do cultivo das relações. É necessário sair de si e ir em direção aos outros – humanos e natureza –, e cultivar com eles relações de respeito, harmonia, inclusão, cuidado, justiça e paz. Nas relações diárias, perdeu-se a dimensão do cultivo. Não se dedica tempo cultivando as relações de amizade, as relações de boa vizinhança, as relações de respeito e reciprocidade entre os familiares; não se cultiva mais o amor entre os seres humanos. Assim, é compreensível que também se tenha perdido a dimensão de cuidado com todo o cosmos. Boff apresenta que o